

Breve nota sobre a passagem de Teresa Princesa da Baviera pelo Ceará

LÚCIO ALCÂNTARA*

Desde o século XVI acumulam-se impressões de viagens sobre o Brasil com maior incidência durante o século XIX. São homens e mulheres de procedências e profissões variadas que vieram até aqui motivados por interesses diversos. Comerciantes, militares, diplomatas, missionários, educadores, artistas e cientistas deixaram registradas suas observações em diários e correspondências dirigidas a familiares mais tarde transformadas em livros, alguns póstumos. As expedições científicas integradas pelos que se dedicavam ao estudo da história natural, os naturalistas, conforme os conceitos vigentes à época, tinham um cunho pacifista e a preocupação de conhecer a terra e o homem, fauna, flora e costumes desse novo mundo que se abria ao estrangeiro como uma jovem nação independente. Estávamos diante do que foi chamada uma “anticonquista” (MACHADO, Lisanea, 2010:36), intuito civilizador que embutia uma forma de apropriar-se do saber e do potencial dos recursos da natureza.

Mulheres viajantes estrangeiras

No elenco de viajantes que nos visitaram, as mulheres são franca minoria. Até o ano de 2008, há registro de 260 obras, em vários idiomas, publicadas com relatos de viajantes sobre aspectos físicos e humanos do Brasil. (Machado, Lisanea, 2010:26). Camurça, em estudo que realizou sobre o tema, identificou 18 mulheres que pisaram o solo brasileiro entre os séculos XVIII e XIX. A inferioridade numérica não tira o

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

mérito da contribuição feminina a começar pela coragem de algumas de superar preconceitos, enfrentar os riscos de uma longa viagem marítima, a insalubridade e os percalços esperados numa jornada a vencer em terra distante e estranha. Tudo isso na época em que estava reservada à mulher um papel subalterno de coadjuvante do homem, restrito a tarefas domésticas cumpridas no ambiente familiar, vedado o acesso a certas atividades como a científica. As que se insurgiam contra essas limitações foram transgressoras pioneiras. Não obstante o desnível intelectual e os diferentes propósitos determinantes das viagens, foi possível entrever nas escritas dessas senhoras alguns traços comuns.

Comparações com a origem, descrições minuciosas, interesse pelo cotidiano, observações facilitadas pelo maior acesso social na condição de mulheres. Expressadas predominantemente sob a forma de cartas e diários. Obras despreziosas que acabaram por adquirir valor como gênero literário e fontes históricas.

Dada a heterogeneidade do grupo, foi esboçada uma tentativa de classificação de suas integrantes (LEITE, Miriam, 2000:137) que rotulou a todas, por terem em comum o hábito de colecionar conchas, plantas e animais, mas também de descreverem festas, cerimônias religiosas e costumes locais, de “antropólogas iniciantes”, divididas em “amadoras e profissionais”, as últimas formadas por um contingente de naturalistas, jornalistas e escritoras aí incluídas Elizabeth Agassiz e Teresa Princesa da Baviera, ambas com passagens pelo Ceará. A americana Elizabeth Cabot Cary Agassiz, casada com o pesquisador Louis Agassiz, a quem chamava de chefe da expedição, escreveu um diário assinado pelo casal cujo conteúdo traz informações relevantes sobre a leitura e a educação das mulheres no Brasil com o olhar de quem era diretora de uma instituição superior para meninas.

Teresa Princesa da Baviera (1850-1925)

Essa representante da nobreza alemã, incansável viajante, percorreu muitos países em vários continentes, corajosa e determinada, investigando e aprendendo. Neta de rei, filha de príncipe regente, irmã de rei, tinha posição de relevo na nobiliarquia alemã. Conservou-se solteira frustrada no amor ao primo Oto incapacitado de reinar acometido pela doença mental.

Católica convicta apoiou organizações religiosas e ao mudar-se para uma vila em Lindau transformou sua casa no lago de Constança em Lazareto.

Só na América do Sul, sua prioridade, esteve por três vezes dando sequência à tradição de seus patrícios Spix e Martius. Em 1880 publica sua primeira obra versando sobre excursão à Tunísia a que se seguiriam outros, frutos de suas observações de viagens. Além dos relatos que publicou reuniu uma coleção de vegetais, animais e objetos diversos que expunha publicamente. Atividade tão intensa e produtiva lhe rendeu o reconhecimento de instituições científicas e o título de *Doctor Philosophiae Honoris Causa* (1897) sendo a primeira mulher a receber tal honraria. Recorde-se que somente a partir de 1903 as universidades da Baviera passaram a admitir mulheres.

Em 1888 empreende viagem ao Brasil com uma pequena comitiva composta por uma dama, um cavalheiro da corte e um criado com habilidade de taxidermista, na bagagem equipamento fotográfico. Segundo suas próprias palavras a viagem tinha o objetivo de “conhecer os trópicos, possivelmente procurar tribos indígenas e coletar plantas, animais e objetos de caráter etnográfico”. Mediante um plano bem elaborado e cumprido com rigor foi possível em quatro meses e meio percorrer treze províncias brasileiras malgrado a precariedade das comunicações ao tempo da visita. De forma organizada e bem apoiada consegue cumprir o programa e os objetivos da viagem não sem perceber que “os brasileiros são rápidos no prometer e duvidosos no cumprir” (LEITE, Miriam, 2000:135). A curta duração da expedição terá levado a princesa a conferir prioridade à reunião de material a ser tratado no regresso em colaboração com cientistas e museus de outros países. Apesar do pioneirismo que a caracterizou e da valiosa contribuição que deu para o estudo de matérias, tais como botânica, zoologia, etnologia, geografia, enfeitadas sob a etiqueta de história natural assim consideradas no ambiente científico do século XIX tem sido pouco considerada mesmo por especialistas.

Minha viagem aos trópicos brasileiros

Com este título, Teresa Princesa da Baviera estampou em livro o resultado de sua jornada ao Brasil, concluída meticulosa análise do material que trouxera consigo mediante intercâmbio com colegas aos quais

agradece no prefácio onde constam Emílio Goeldi no Pará e Orville Derby, americano radicado em São Paulo. A obra vai dedicada ao imperador Pedro II cuja cultura e interesse pela ciência muito apreciou. A obra da nobre alemã destaca-se das demais produzidas por outras viajantes por seu porte, matéria tratada e a preocupação científica que norteou sua elaboração. Fartamente ilustrada, contém dois mapas, quatro tabelas, dezoito quadros completos e sessenta reproduções de fotografias e desenhos da autora.

Lamenta, e é a única a fazê-lo entre as mulheres viajantes, ter aceito o conselho de organizá-la no formato de diário o que dificultou a sistematização do conteúdo, correções e acréscimos posteriores desarticulados da cronologia que o modelo impunha. Dela não havia até há pouco tradução em português. Há referência bibliográfica (LEITE, Miriam, 1997: 140-191) de tradução não publicada de autoria de Anna Lifschitz. Anos atrás tive minha atenção despertada para a notável figura dessa aristocrata germânica e sua tumultuada vilegiatura cearense pelo arquiteto e professor Liberal de Castro com quem costume entreter-me em proveitosos diálogos. Logo conseguiria junto à Biblioteca Nacional cópia do prefácio e do trecho da passagem pelo Ceará que traduzidos integram o presente trabalho. Mais tarde vim a adquirir um exemplar da primeira edição do livro da qual foram reproduzidas as imagens que compõem o presente texto. Ao pesquisar mais dados para a elaboração desta nota, dei com a notícia da edição de dois livros pelo Arquivo do Estado do Espírito Santo que reproduzem a parte do livro concernente àquele estado. Surpresa maior viria em seguida no curso de minha busca ao deparar-me com o anúncio da tradução para o português da obra completa pelo diligente e laborioso pesquisador cearense André Frota Oliveira, datada de 2014, enriquecida por notas explicativas de sua lavra e oportuna introdução destinada ao leitor brasileiro a cargo de Christian Hempel. Cumpria-se afanosa tarefa com a qual esteve envolvido por muito tempo sem que sua modéstia ensejasse divulgação ampla do memorável feito.

A passagem pelo Ceará

A visita ao Ceará, procedente do norte, em decorrência de um imprevisto acabou dilatada por vinte e quatro horas. O navio que de-

veria largar no mesmo dia da chegada acabou por prorrogar a permanência no porto o que levou a princesa a logo organizar uma ida com pernoite à vizinha Maranguape.

Fortaleza causa-lhe impressão favorável de cidade limpa e mais civilizada que Manaus, Belém e São Luis, enfeitada por jardins públicos e particulares. Dada a comparações, a visão do casario branco, o céu azul, a luminosidade intensa e as pessoas trajando roupas brancas recordam-lhe a Grécia e o norte da África. Assim como o vale situado entre as serras de Maranguape e da Aratanha, tirante a vegetação tropical, recorda-lhe trecho do vale do Reno que fica às margens do lago de Constança. Para ela as encostas dos morros assemelhavam-se às montanhas gregas e os caminhos imitavam trilhas montanhosas do sul da Europa. Há vestígios de poesia no encantamento com o alvorecer e na imagem de jangadeiros que de longe parecem sentados sobre o mar. O trajeto atribulado entre o navio e a terra aponta o porto que ainda nos faltou por muitos anos. A vegetação é descrita na sua variedade que vai da “mata anã feia e seca” a uma surpreendente exuberância da flora serana, à menção das culturas agrícolas e à beleza útil das carnaubeiras.

De volta a Fortaleza

Transportando um mocó (*Cavia rupestris* Wied), mimo ofertado por amáveis brasileiros de Maranguape, a princesa e seus acompanhantes foram surpreendidos pelo que denominou de “verdadeiro motim popular” rebelde à ação policial, obrigando o grupo a refugiar-se em um armazém próximo. Tomando o bonde que chegava foram quase apeados por zeloso motorneiro a custo demovido de seu intento pela iminência de levar o pequeno séquito a perder o embarque no navio. O evento não teria passado de uma manifestação da molecagem cearense fruto da índole provinciana dos locais, aguçada pelo exotismo dos europeus em trânsito.

O simpático animalzinho foi levado até a Alemanha onde viveu por um ano aos cuidados de sua proprietária, descrito por ela como mimoso, manso, mas atrevido.

MEINE REISE
IN DEN
BRASILIANISCHEN TROPEN

VON
THERESE PRINZESSIN VON BAYERN
(TH. VON BAYER*).

MIT
ZWEI KARTEN,
4 TAFELN, 18 VOLLBILDERN UND 60 TEXTABBILDUNGEN

zum Theil nach Photographien der Reisegesellschaft und Zeichnungen der Verfasserin.



BERLIN 1897.
VERLAG VON DIETRICH REIMER
(ERNST VOHSSEN).

Minha viagem aos trópicos brasileiros**

*Princesa Theresa da Baviera
(TH. da Baviera)*

Prefácio

Empreendi minha viagem ao Brasil na companhia de uma dama, um cavalheiro em serviço e um criado que havia adquirido habilidades no campo da taxidermia. O objetivo da minha viagem era conhecer os trópicos, possivelmente procurar tribos indígenas e coletar plantas, animais e objetos de caráter etnográfico. Como resultado da viagem pode-se registrar, entre outras coisas, a descoberta de algumas espécies e variedades novas de animais e plantas e a constatação da existência de algumas novas jazidas e sítios.

Foi, em primeiro lugar, a intenção de contribuir de modo complementar para a zoologia e a botânica que me levou a organizar os resultados da minha viagem relacionados a esses campos e a cogitar a sua publicação. Enquanto estava ocupada com esse trabalho, ocorreu a grande revolução política no Brasil, e também logo em seguida o nobre casal imperial daquele país foi levado para o repouso eterno. Agora, aquilo que eu havia visto e vivido na corte do Brasil pertencia a um período histórico encerrado, e muito daquilo ganhava em interesse pelo fato de que dali em diante não poderia mais ser observado. Isso me levou finalmente a organizar também esta parte da minha viagem, que a princípio não se destina a publicação, e incorporá-la às descrições geográficas.

Infelizmente, não foi possível encaminhar estas páginas para impressão com mais antecedência, uma vez que foram necessários cinco anos só para fazer a classificação das plantas e dos animais vistos e coletados por mim e a comparação dos objetos de caráter etnográfico com aqueles que se encontram em diversos museus de etnografia.

** Traduzido do Alemão por Miguel Araújo de Matos. Dedicado à memória de sua majestade, o muito estimado e inesquecível Imperador Dom Pedro II do Brasil.

Especialistas tiveram a bondade de classificar a maioria dos objetos, porém não me dei por satisfeita e estudei eu mesma cada um mais uma vez, tendo para isso que, primeiramente, me familiarizar com a literatura especializada. A publicação também sofreu outro atraso devido ao fato de que me vi obrigada a fazer várias viagens a fim de completar os meus estudos. Assim, em 1889 estive em Paris a fim de submeter os objetos de cerâmica indígena primitiva mexicana e de diversos países da América Central e do sul, lá expostos com uma clareza nunca vista, a um exame para fins de comparação com os objetos do Brasil. Depois estive na América do Norte em 1893 a fim de me informar sobre a maior quantidade possível de material etnográfico comparativo. Isso me foi possível por meio de visitas às coleções e também a dezessete tribos indígenas diferentes, do Canadá ao Sul do México.

Fui aconselhada a registrar minhas experiências de viagem na forma de um diário. Segui o conselho. Porém, quanto mais eu avançava na redação do meu livro, mais me conscientizava de que esta forma não era conveniente. Ela impede, por exemplo, o resumo das impressões e a utilização de experiências complementares adquiridas posteriormente. Mas se ainda assim estas últimas forem utilizadas, isso resultará no inconveniente de que aparentemente se sabia de coisas a um tempo em que era impossível ou quase impossível sabê-las. Quando percebi estas e muitas outras desvantagens de escrever em forma de diário, o trabalho já estava adiantado demais para ser reiniciado em uma outra forma de redação.

Além do embaraço supracitado, também fui impedida de organizar o meu livro do modo como desejava devido à escassez de literatura especializada. Apenas para citar alguns exemplos, várias das famílias de plantas mais importantes ainda não constam na *Flora Brasiliensis*, de von Martius, bem como ainda não foi lançado o volume do catálogo ornitológico, publicado pelo Museu Britânico, que trata das garças. Como durante o meu trabalho de muitos anos diversos novos pontos de vista no campo das ciências naturais fizeram-se valer, mais tarde fui obrigada a realizar várias alterações na obra já concluída. Pode ser que eu tenha feito as correções em um trecho e esquecido de fazê-las em outro e por isso tenham surgido contradições em meu livro. Enfim, apesar de diversas revisões cuidadosas do todo, é possível que tenham ocorrido muitos erros.

Antes de encerrar esta introdução, não posso deixar de agradecer a todos aqueles que tão gentilmente me ajudaram na classificação do material científico por mim coletado ou que me prestaram algum outro tipo de ajuda. Entre eles encontram-se os senhores do Museu de Zoologia, Paleontologia, Mineralogia e Pré-história e do Museu Etnográfico e Botânico de Munique, vários senhores do Museu de História Natural de Viena, do Museu de História Natural e do Museu Botânico de Berlim, do Museu Britânico de Londres, os botânicos Profs. Drs. Weiss, de Freysing, Dingler, de Aschaffenburg, Schenk, de Darmstadt, Köhne, de Berlim, Mez, de Breslau, Cogniaux, de Verviers, Drs. Stapf, de Kew e Petersen, de Copenhague, os zoólogos Conde Otting, de Munique, Conde Berlepsch, de Münden, Prof. Dr. Forel, de Zurique, o Barão de Sélys-Longchamps, de Lüttich e o Dr. Goeldi, do Pará, e finalmente o geólogo Prof. Orville A. Derby, de São Paulo.

Munique, 1897

A autora

A bordo. Costa do Ceará. Terça-feira, 31 de julho

Às 6 horas da tarde, ergueu-se diante de nós, a sudeste, a Ponta de Jericoacoara, com duas cúpulas, iluminada pela luz rosada do pôr-do-sol.

Tínhamos diante de nós a costa da província do Ceará, que a princípio se estendia a oeste e agora a sudeste. Trata-se de uma província que tem, de fato, uma extensão menor que a das outras províncias vistas por nós até agora – apenas 104.250 Km² - ¹, ainda assim é maior que a pátria-mãe Portugal e suas ilhas. É uma das regiões mais povoadas do Brasil, uma vez que dentro dos seus limites contam-se 9 habitantes por quilômetro quadrado. Embora predomine a população mestiça – perfazendo aqui 49% -, como em média

¹ Compare Wappäus (?): Das Kaiserreich Brasilien (O Império do Brasil), pp. 1213-1214.

nas regiões Norte e Central do Brasil, já vemos em relação às províncias mais ao norte um aumento significativo da presença do elemento branco, que aqui representa 38% da população, enquanto os negros limitam-se a 6%. Por outro lado, o número de índios civilizados, com 7%, volta a aumentar em comparação com o Maranhão.

O Ceará faz parte das verdadeiras províncias de campos, uma vez que, desde o Maranhão até o Rio São Francisco, ao longo de sete graus de latitude, os campos avançam desde o interior do Brasil até o mar. A região costeira do Ceará é baixa e em grande parte arenosa, porém também apresenta trechos férteis. Em direção ao interior, o terreno eleva-se aos poucos contra os montes. Campinas alternam-se com a caatinga e outras formas de vegetação de campos. Os sertões, próprios para a pecuária, também existem em abundância. Assim como as demais províncias de campos do litoral, em comparação com as outras terras costeiras do Brasil o Ceará também é pobre em espécies vegetais e animais. O clima litorâneo caracteriza-se de maneira vantajosa por uma umidade mais alta e temperatura mais moderada que no interior. A isoterma anual de Fortaleza, situada a 3°43'36" de latitude sul, é de 26,6° C, a temperatura média do mês mais quente é de 30,4° C e a do mês de mais frio é de 23,1° C. O volume anual médio de precipitação é de 1941 mm, mas também já se registraram até 2500-3000 mm. No outono, que vai de março a maio, ocorre a maior quantidade de chuvas, porém os meses de fevereiro e junho também apresentam um aumento razoável das precipitações, enquanto a primavera é a estação menos chuvosa. O interior apresenta um clima mais continental. A isoterma anual aumenta para até 40,8° C. A média do mês mais quente é de 35,2° C e do mês mais frio é de 26,6° C. Nos planaltos do interior, o sertão, a temperatura diurna no verão eleva-se a 37° C e à noite cai para 19° C. O clima é não apenas muito quente, mas também extremamente seco. A estação chuvosa, que começa em janeiro ou março, dura até junho. Os demais meses caracterizam-se por um período muitas vezes completamente sem chuvas. Os cursos de água secam, e quando a estação chuvosa não ocorre durante um ou vários anos, o que costuma acontecer periodicamente, ocorrem secas que obrigam o homem e o gado a emigrar ou provocam sua morte em consequência da fome.

A bordo. Costa do Ceará. Quinta-feira, 2 de agosto

Na noite de anteontem para ontem tivemos marulho bastante forte. Ontem de manhã cedo avistamos as belas linhas da Serra de Maranguape, com 920m de altitude e constituída de granito. Ao tom cinza esverdeado predominante na encosta da serra, que fazia lembrar as vestes de um carrasco, juntavam-se nos barrancos tons avermelhados, produzidos por jogos de sombras escuras bem delimitadas. Diante da serra encontravam-se as dunas da costa deserta, coroadas em pequenos trechos por uma vegetação não muito exuberante. Servindo como triste cenário, um vapor encalhado da “Companhia brasileira”, o qual se havia acidentado nesta costa famigerada por seus muitos bancos de areia e frequentes naufrágios, apesar de ter a sua disposição os práticos mais experientes do local. Pouco tempo depois, situada sobre uma duna amarela, surgiu no horizonte Fortaleza, a capital da província do Ceará. A oeste, a uma distância considerável, morros formavam o segundo plano.

Pescadores vagavam em direção ao mar em jangadas, os veículos mais estranhos e semelhantes a barbatanas que se podem ver. Trata-se de balsas construídas com troncos, que já eram utilizadas em tempos primitivos pelos indígenas brasileiros do litoral. Agora esses veículos primitivos servem aos índios e mestiços ao longo da costa plana entre o Pará e a Bahia tanto para a pesca quanto para o transporte de pessoas e o intercâmbio comercial. Em geral, eles estão equipados com mastro, vela latina, leme e um banco. Quando as jangadas são muito pequenas, a vela está recolhida e o banco é muito baixo, de longe não se vê o veículo, tendo-se a impressão de que o jangadeiro está sentado sobre a água e é arremessado para cima e para baixo pelas ondas que de vez em quando batem sobre suas pernas. A segurança absoluta que este tipo de veículo parece oferecer é apenas ilusória. Os pequenos entre eles às vezes soçobram e aí os pescadores lançados à água devem sua salvação somente à habilidade de nadar.

Nosso vapor fundeu no ancoradouro aberto da cidade de Fortaleza, que se erguia diante de nossos olhos branca como a neve, como uma cidade oriental, a qual não tem porto e é protegida apenas por um recife baio. Jangadas mais aperfeiçoadas que aquelas descritas anteriormente deveriam nos levar à terra. Cada uma dessas jangadas

tinha capacidade para duas pessoas, que deveriam se sentar em um banco, o qual se encontrava no ponto mais alto de uma superfície de tábuas inclinada colocada sobre os troncos da jangada. Na parte dianteira, no final dessa traseira, sobre os troncos amarrados, havia um segundo banco para a tripulação da jangada. Como nossas jangadas, cujas partes mais baixas eram levadas pelas ondas, balançavam bastante, nós nos segurávamos firmemente nos bancos durante o curto trajeto. Uma forte vaga arremessou a jangada sobre a areia, e antes que uma outra se seguisse, braços firmes já haviam nos retirado da jangada e conduzido através da rebentação espumante para a terra seca.

Logo ali acima da praia encontrava-se um jardim público encantador que ia subindo em forma de terraços. Nos terraços inferiores habitava um pássaro característico da região dos campos, uma ema de penas cinzentas (*Rhea macrorhyncha* Sclat), que aqui lamentava sua liberdade perdida. As partes superiores do jardim eram adornadas por estátuas. Mongubeiras (*Bombax Monguba* Mart) carregadas de grandes frutos marrons e lenhosos de forma oval estendiam ali sua folhagem escura. Além delas havia espinheiros (*Mimosa sepiaria* Benth), árvores encontradas com frequência no sul do Brasil. Também não faltavam as plantas vermelho-fosforescentes, em forma de árvores, muito disseminadas por aqui e que os nativos chamam de logura ou jasmim e que supostamente seriam *Bougainvillea pomacca* Choisy. Pequenos riachos cortavam o jardim e aráceas de folhas grandes cobriam em alguns lugares o chão de areia clara.

Esse não era o único jardim existente em Fortaleza. Jardins particulares muito bonitos intercalavam-se com as fileiras de belas casas de um e dois andares recém-caiadas. Adornos ornamentavam as fachadas das residências. Gárgulas representando cabeças de dragão erguiam-se dos telhados sobre as calçadas bem conservadas das ruas limpas, largas e retilíneas e tornavam um passeio sob a chuva pouco atraente. Coqueiros, isolados ou reunidos em grupos e arvoredos, alçavam aqui e ali suas partes peniformes sobre as casas. Também não faltavam algumas das singulares bananeiras em forma de leque (*ravenala*), e pela primeira vez vimos um mandacaru (*cereus*), uma daquelas estranhas formações vegetais que são típicas tanto das paisagens mexicanas quanto dos campos do Ceará. Nas estradas fora da cidade e nos subúrbios, choças pitorescas cobertas com folhas de pal-

meira, como as que havíamos visto às margens do Amazonas, juntavam-se às casas e mansões bem cuidadas. O pano de fundo da paisagem das estradas era formado pelo mar azul cintilante ou pela região tropical de cores magníficas.

Em comparação com Manaus, o Pará e São Luís, Fortaleza, com seus 30 mil habitantes, mostrava no estado das casas e ruas um grande progresso no que diz respeito a um aspecto civilizado. Os negros, cuja quantidade havia chamado nossa atenção em São Luís, apareciam aqui em um número muito menor e em vez disso havia muitos brancos. Também notamos nas ruas alguns índios pardos, de olhos oblíquos e malares salientes, enquanto que na capital do Maranhão não havíamos visto um sequer, embora bem perto dali, na mesma ilha, ainda habitem alguns tupis. Não ficamos sabendo a que tribo pertenciam os índios que encontramos em Fortaleza e em seus arredores. Os índios que vivem na costa do Ceará são tupis, porém não mais de raça pura. Os que vivem no interior são cariris, membros de uma tribo que atualmente não se classifica em nenhum dos oito grupos indígenas principais do Brasil. Além disso, citam-se ainda cerca de doze tribos ou hordas existentes no Ceará, das quais cerca de metade são designadas como não sendo tupis, enquanto não se tem qualquer informação positiva sobre a que grupo todas pertencem². Porém, hoje em dia esses índios parecem em parte não mais existir e em parte ter-se miscigenado.

Em Fortaleza, pela primeira vez no Brasil, algo nos lembrou a Grécia e a África do Norte. O céu era de um azul mais escuro que no Amazonas e a vegetação menos exuberante. As ruas e praças eram mais desertas, arenosas e queimadas pelo sol. Em lugar das árvores típicas daquela região (*Mauritien*), com suas palmas em forma de leque, havia os coqueiros com suas folhas pinuladas que se assemelham às tamaras da costa do Mar Mediterrâneo. Também as muitas casas brancas de um pavimento e as pessoas que andavam pelas ruas vestidas de branco e com as cabeças envoltas em tecidos brancos, das quais muitas montadas a cavalo e em lombo de jumento, lembravam latitudes ao sul do Velho Mundo. E finalmente o pano de fundo, formado pela estrada

² Pompeu: O Ceará em 1887, pp. 185, 262, 275, 281, 282 – Moreira Pinto: Apontamentos para o Dictionario Geographico do Brazil I 55, III 229, V 197 e 346 – Moura: Dictionario Geographico do Brazil II 720.

de aspecto bastante oriental e margeada por densa vegetação que percorre o bairro próximo de Benfica e sobe em linha reta um morro abobadado, trouxe-nos imediatamente à memória uma estrada de Corinto com Acrocorinto como remate.

Como nosso vapor havia adiado sua partida do mesmo dia da chegada para o dia seguinte, voltamos rapidamente a bordo a fim de nos preparar para um passeio a Maranguape, com pernoite lá mesmo. A volta ao navio, ou seja o balançar da jangada na maré cheia, foi ainda mais excitante que o desembarque ocorrido algumas horas antes. Depois de algumas pessoas entroncadas terem empurrado com dificuldade a jangada para dentro da água pouco profunda e de nós termos sido transportados através da espuma, chegou o momento de afastar-nos da praia, e era aí que estava a dificuldade. Uma onda após a outra arrebatava contra a nossa jangada – poupando apenas os bancos – e a atravessava de volta à água rasa antes que pudéssemos atingir águas mais profundas. Porém, mais emocionante foi o nosso terceiro percurso de jangada, aquele de volta do vapor para a terra, pois quase naufragamos. O mastro alto da jangada ficou preso no cordame do navio, enquanto a forte ondulação puxava o corpo da jangada em direção à terra e o tirava da horizontal de maneira cada vez mais preocupante. Somente a ação de marinheiros que pularam do convés do [vapor] Maranhão e um forte solavanco da nossa jangada livraram-nos daquela situação no mínimo desagradável.

Às 4 horas da tarde, partimos de trem de Fortaleza para Maranguape, uma cidadezinha do interior situada ao pé da serra de mesmo nome e que desfruta de um clima particularmente úmido. Esta viagem de trem de 28 km, a primeira que fizemos no Brasil, não nos inspirou grande respeito pela empresa ferroviária brasileira. No meio do caminho, em uma subida insignificante, nossa locomotiva parou. Estava sem vapor, um fato que, segundo declarações dos nossos companheiros de viagem nativos, se repete diariamente e que estes saudavam com ironia: “Está cansada”. Esta estrada de ferro, cuja construção serviu em parte para proporcionar trabalho à população expulsada do interior pela seca e pela fome ocorridas em 1878, conduziu-nos à região dos campos, até então desconhecida para nós. A mata atlântica, que tivemos que atravessar, era muito bonita, porém não se podia comparar com a magnífica Hiléia. A ela seguia-se um cerrado ou carrasco,

que cobria todo o resto da região, uma mata de arbustos, a qual havia perdido suas folhas, pois era inverno. As altas palmeiras só podiam atenuar um pouco a impressão extremamente desoladora que esta paisagem de brenhas causava sobretudo em nós, que havíamos acabado de chegar do Amazonas, o mundo vegetal mais exuberante da terra. Muitos mandacarus (*Cereus*) estendiam seus fantásticos caules e ramos bem alto. Ao lado da primeira estação cresciam anonáceas e jenipapeiros (*Genipa americana* L.). Mais para o interior apareceram, além dos catolés (*Cocos comosa* Mart.) com suas pequenas coroas, as belas carnaubeiras (*Copernicia cerífera* Mart.), com suas folhas em forma de leque e fileiras de espinhos que subiam pelo tronco em forma de espiral. Estas últimas eram palmeiras, as famosas palmeiras de cera do Brasil, que ocorrem principalmente no Ceará. Além de a decocção de suas raízes servir como medicamento, seu tronco como madeira para construção, suas folhas para cobrir as casas, suas fibras para fazer trabalhos artesanais, a medula, os brotos das folhas e os frutos como alimento, essas palmeiras ainda fornecem como produto característico uma cera retirada de suas folhas, muitas utilizada para fazer velas. Desta cera, que é consumida na própria província e exportada para o resto do Brasil e para a Europa, obtivemos uma amostra em uma das estações na forma de uma pequena vela verde-acinzentada.



Carnaúbpalmen. (Nach Reclus.)

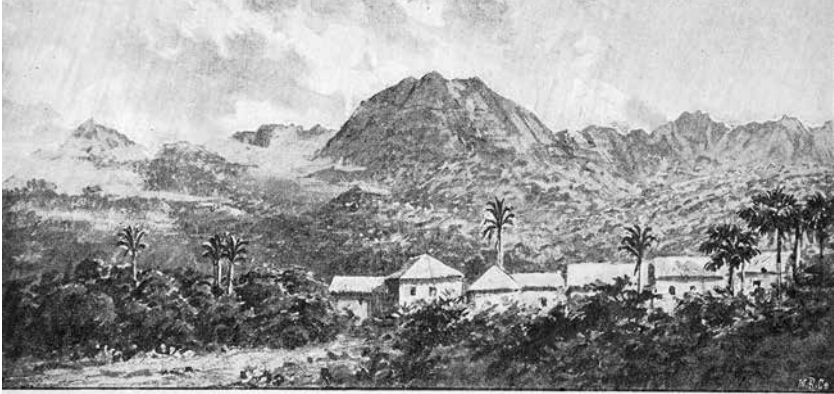
Além das plantas úteis e culturas supracitadas, notamos durante nossa viagem a Maranguape cajueiros (*Anacardium occidentale*), mandioca, algodão e algumas plantações de cana-de-açúcar, perto das quais erguiam-se engenhos. O principal artigo de exportação do Ceará é o algodão, do qual pelo menos três espécies são nativas do Brasil. Mais ainda que no Ceará, o algodão é cultivado nas províncias próximas da Parahyba do Norte. Pernambuco e Alagoas, porém floresce em todo o país. Trata-se de uma planta que, assim como o tabaco, resiste melhor às secas mais prolongadas. A produção brasileira anual média de algodão é estimada em cerca de 40 milhões de quilogramas³. No ano de 1887, a exportação chegou a 23 milhões de quilogramas⁴.

Quanto mais nos aproximávamos dos morros, mais atraente se tornava a região. A mata anã, feia e seca recuava cada vez mais e diante de nossos olhos descortinava-se uma paisagem tropical encantadora, que nós não esperávamos encontrar no Ceará. Alguns pequenos lagos com margens pouco profundas estendiam suas superfícies lisas como espelhos. Pitorescos grupos de carnaubeiras, cujos troncos robustos inclinavam-se graciosamente, cercavam e sombreavam as águas serenas. Como pano de fundo, um semicírculo de belos montes completava a paisagem, esteticamente perfeita. À nossa frente erguia-se a Serra da Aratanha, construída de granito e com 780m de altitude, à nossa direita a magnífica Serra de Maranguape, ambas distinguem-se tanto pelo clima agradável quanto pela qualidade do seu solo para o cultivo do café. Aliás, o café cultivado na Serra de Maranguape é considerado excelente e já chegou ao mercado europeu.

Penetrávamos cada vez mais fundo entre essas duas serras, no vale quase circundado por elas, o qual, tirando sua vegetação tropical, lembrou-nos do trecho do vale superior do Reno que fica às margens do Lago de Constança. Ainda tivemos que passar por todo um bosque de carnaubeiras, depois disso, ao pé do morro de mesmo nome, surgiu diante de nós a cidadezinha de Maranguape, conhecida pelo cultivo da laranja.

³ N. do T.: 40 mil toneladas.

⁴ N. do T.: 23 mil toneladas.



Maranguape. (Nach Natur skizzirt von der Verfasserin, ausgeführt von B. Wiegandt.)

Embora Maranguape tenha 12 mil habitantes, não possui uma hospedaria. Assim, encontramos abrigo em uma casa particular, na qual nos foram destinadas redes que em geral servem para os negros dormirem. As demais instalações do quarto eram extremamente simples e primitivas, porém tudo isso pouco nos preocupava, ruim foi apenas o fato de o dono da casa, depois de não termos comido nada desde as 10 horas da manhã, nos fazer esperar até 9 da noite por um refresco. Acalmamos nossos estômagos – que roncavam – por meio de um passeio até o pé do morro, por entre choupanas e uma população de cor. Nossa chegada deixou meia Maranguape em alvoroço, um sinal de quão raramente estrangeiros, e principalmente estrangeiras, visitam este lugar. Além disso, só o fato de sermos senhoras viajantes já era algo inédito, uma vez que as brasileiras das classes mais altas são excluídas da vida pública quase do mesmo modo que as orientais.

Os belos touros que encontrávamos por toda parte e que contrastavam como vantagem com os bois magros das margens do Amazonas lembraram-nos da pecuária ainda importante no interior da província. Ontem e hoje vimos com freqüência juntas de bois de seis a dez cabeças. Também não faltavam cavalos, e quase toda a população tinha montaria. Além das secas, um outro estranho inimigo ameaça a pecuária do Ceará. Trata-se da grande quantidade de morcegos, que durante o dia vivem nas cavernas e ao anoitecer, esvoaçando, devastam o rebanho bovino devido ao seu grande número.

Uma luz morna de pôr-do-sol meridional sobre a Serra de Aratanha, coberta por uma vegetação rala, e uma vista avermelhada do sol no alto da Serra de Maranguape foram as últimas impressões aprazíveis do dia de ontem. À nossa volta erguiam-se coqueiros e também o amplo vale entre as duas serras era enfeitado por palmeiras.

Hoje de manhã cedo, às 5 horas, partimos para uma excursão à Serra de Maranguape. Como os cavalos encomendados não chegaram, nossa pequena comitiva pôs-se a caminho a pé. Um luar deslumbrante iluminava a trilha, porém logo começou a amanhecer lentamente. Na subida passamos por choupanas de índios e entre carrasco sem folhas e campos feios de subarbustos de algodão amarelos. O caminho muito acidentado e empoeirado tinha o aspecto de uma trilha de montanha do sul da Europa. A própria encosta do morro, coberta até o alto por arbustos, era irregular como as encostas das montanhas gregas. No caminho havia alguns tanques rodeados de palmeiras. Catolés (Cocos comosa Mart) e outras palmeiras pareciam gigantes em meio à floresta baixa. Alguns mulatos e índios passaram por nós, descendo em direção à cidade. A alvorada durou mais de três quartos de hora. Só por pouco tempo o céu ficou coberto por uma vermelhidão escura, depois empalideceu em tons amarelos e logo o firmamento estava descorado pelo azul do dia, quando o globo de fogo solar despontou poderoso no céu. Devido a sua órbita quase vertical nestas latitudes, o sol se afastava do horizonte a uma velocidade incomum para nós, que vínhamos de países nórdicos.

A paisagem estranha achava-se desvendada diante de nossos olhares. Aos nossos pés, em direção ao norte e ao nordeste, a planície coberta pela vegetação estendia-se até o mar, mergulhada em um brilho violeta. No leste e no sul, erguia-se a Serra de Aratanha, também bafe-



Ochsenfuhrwerk.

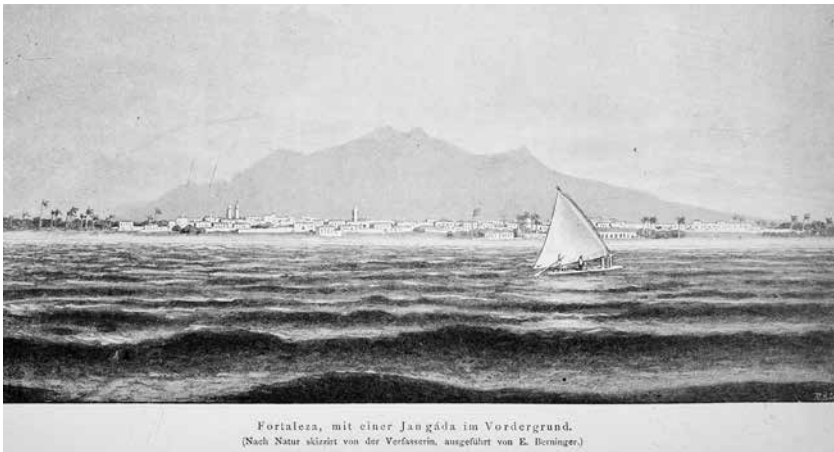
jada por tons violeta. A oeste, atrás de nós e ao nosso lado, as encostas cobertas de palmeira da Serra de Maranguape formavam um talude com o vale. Não se podia deixar de notar a leve semelhança com montanhas gregas, porém, devido à vegetação que aqui tudo cobria, faltavam os tons de cor intensos das terras helênicas.

Por volta das oito horas deu-se o nosso retorno a Fortaleza. Nesse ínterim nossa bagagem havia sido enriquecida com um volume vivo. É que a caminho da estação, em uma loja cujas portas estavam escancaradas, eu havia notado a presença de um roedor encantador – um mocó (*Cavia rupestris* Wied) – e o havia acariciado. Um quarto de hora mais tarde, numa autêntica demonstração da amabilidade brasileira, alguns senhores desconhecidos vieram nos trazer o animalzinho de presente. O animal é uma criaturinha mansa, completamente sem cauda, com cerca de 27 cm de comprimento. Sua pele é da cor da pele da nossa lebre, suas orelhas são baixas, seus movimentos muito mais vivos e graciosos que os do nosso porquinho-da-índia. Seu habitat é a serra pedregosa da região de campos nordestina, onde o animal vive sua alegre existência e, graças a suas pernas muito altas, dá grandes saltos e não se importa com as condições do solo.

Em Fortaleza passamos por uma situação ainda pior que em Maranguape. Enquanto esperávamos por um bonde, surgiu um verdadeiro motim popular em torno de nossa presença aparentemente um tanto exótica. Policiais tentaram dispersá-lo, mas como isso foi em vão, pediram-nos para entrar em uma loja para que o povo que nos olhava embasbacado não pudesse nos ver. No meio da multidão notamos a presença de um negro que sofria de elephantiasis graecorum, a lepra verdadeira. Até então ele ainda não apresentava mutilações dos membros, porém a lepra se manifestava por meio de manchas cinza esbranquiçadas ou tumores que cobriam ambos os pés e todos os dedos de cada pé. Esta terrível doença, que no Brasil acomete principalmente os negros, mas também não poupa os brancos, ocorre no país todo, porém com mais frequência no interior do que no litoral.

O bonde que descia em direção à praia libertou-nos finalmente do nosso estado de sítio. Porém, mal havia eu tomado assento no bonde, tendo ao colo meu mocó, abrigado provisoriamente em uma ratoeira, quando o condutor quis me obrigar a descer por causa do animal. O perigoso sol tropical do meio-dia brilhava com um calor indescritível,

não havia nenhuma sombra à vista, além disso, a ida a pé, que parecia estar-se tornando necessária, em vez do percurso de bonde, ameaçava fazer-nos perder o vapor. A situação estava crítica. Por fim, palavras suplicantes amoleceram o coração do homem resmungão e a condessa, como eu era conhecida entre os meus companheiros de viagem do navio, pôde utilizar o bonde até a praia juntamente com o seu animal.



Pouco depois do meio-dia, o “Maranhão” levantou âncora e seguiu novamente o seu curso em direção ao sul. À medida que o navio avançava, a Fortaleza branca como a neve, também chamada simplesmente de Ceará, surgia com suas linhas distintamente longas ao pé da Serra de Maranguape, e desse modo oferecia um quadro graciosamente pitoresco. Aos poucos desapareceram os montes e apenas uma costa de areia desconsoladamente plana e uniforme, formada por dunas de um amarelo vivo, limitava o horizonte. À noite, uma fogueira acesa por moradores da praia e o farol de Aracaty, localizado na barra do Rio Jaguaribe enviaram-nos as últimas saudações da interessante província de campos do Ceará.

Bibliografia

BAVIERA, Princesa Teresa da (TH. Von Bayer). Minha viagem nos trópicos brasileiros. Fortaleza: André Luis Frota de Oliveira, 2014. 677p.

BAYERN, Therese Von (1850-1925) – Teresa da Baviera. *Nomes da história intercultural em contextos euro-brasileiros*. Disponível em: <<http://www.academia.brasil-europa.eu/Materias-abe-87.htm>>:23 out.2014.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. São Paulo: Metalivros, 1999. 192p.

CAMURÇA, Zélia Sá Viana. *Mulheres viajantes no Brasil, Século XIX: agentes e intérpretes da 'visão de mundo' do brasileiro – uma análise etno-histórica*. Fortaleza: Pouchain Ramos, 2012. 160p.

Em 1888 a Princesa da Baviera...- Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Disponível em: <http://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=649345301820592&id=112621358826...>. Acesso em: 19 dez. 2014.

LEITÃO, C. de Mello. *História das Expedições Científicas no Brasil*. Porto Alegre: Nacional, 1941. 360p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira – Série Brasileira 209).

LEITÃO, C. de Mello. *Visitantes do primeiro império*. São Paulo: Nacional, 1934. 251p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira – Série Brasileira 32).

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem (1803 – 1900)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. 263p.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Mulheres viajantes no século XIX*. São Paulo, 2000. P. 129-143 (Cadernos Pagu 15).

MACHADO, Lisanea Weber. *O Romance epistolar de Ina Von Binzer: um documento de interculturalidade brasileiro-alemã*. Porto Alegre, 2010. 117 f.

PRINCESA TERESA DA BAVIERA. Disponível em: <http://www.brasilalemanha.com.br/novo_site/noticia/princesa-teresa-da-baviera-por-i...>. Acesso em: 19 dez. 2014.

